

Adolescência estendida: um ensaio

Extended adolescence: an essay

La adolescência extendida: un ensayo

Amanda Oliveira Rodovalho

Ricardo Wagner Machado da Silveira

Resumo

Este artigo se dedica a refletir sobre o prolongamento da adolescência, ou adolescência estendida. Para isto, começamos com uma pesquisa sobre o surgimento da formação cultural da adolescência a partir do século XVIII. Em seguida investigamos brevemente a adolescência para após isto adentrarmos na chamada adolescência estendida, que é nosso objeto de pesquisa e é trabalhado por nós, a partir da visão de alguns autores acerca de possíveis fatores que poderiam estar relacionados com o prolongamento da adolescência a partir de uma perspectiva biopsicossocial, além de trazermos também alguns fatores sociais que nós consideramos que possam estar relacionados com este fenômeno: a revolução da longevidade, a queda das sociedades disciplinares e o surgimento de uma juventude violenta com amplo exercício de crueldade.

Palavras-chave: Adolescente; Desenvolvimento Humano; Ensaio.

Abstract

This article is dedicated to reflecting on the prolongation of adolescence, or extended adolescence. For this, we begin with a research on the emergence of the cultural formation of adolescence from the eighteenth century onwards. Then, we briefly investigated adolescence and after that we entered the so-called extended adolescence, which is our research object and is worked on by us, from the point of view of some authors about possible factors that could be related to the prolongation of adolescence from a biopsychosocial perspective, in addition to also bringing some social factors that we consider may be related to this phenomenon: the longevity revolution, the fall of disciplinary societies and the emergence of a violent youth with ample exercise of cruelty.

Keywords: Adolescent; Human Development; Essay.

Resumen

Este artículo está dedicado a reflexionar sobre la prolongación de la adolescencia, o adolescencia extendida. Para ello, partimos de una investigación sobre el surgimiento de la formación cultural de la adolescencia a partir del siglo XVIII. Luego, investigamos brevemente la adolescencia y luego entramos en la llamada adolescencia prolongada, que es nuestro objeto de investigación y es trabajada por nosotros, desde el punto de vista de algunos autores sobre los posibles factores que podrían estar relacionados con la prolongación de la adolescencia. desde una perspectiva biopsicosocial, además de traer también algunos factores sociales que consideramos pueden estar relacionados con este fenómeno: la revolución de la longevidad, la caída de las sociedades disciplinarias y el surgimiento de una juventud violenta con amplio ejercicio de la crueldad.

Palabras-clave: Adolescente; Desarrollo Humano; Ensayo.

Introdução

A temática deste artigo foi suscitada pela leitura do livro *A Adolescência* de Contardo Calligaris onde ele traz sobre o que seria a adolescência, e sobre a existência de um culto a ela na atualidade. Há uma pergunta ao final deste livro “Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer. Suma sabedoria. Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos é manifestamente a de rejuvenescer?” (Calligaris, 2000, p.74), a resposta que imediatamente veio à consciência foi, a adolescência se estende, e assim surgiu o interesse em pesquisar sobre este fenômeno chamado de adolescência estendida ou adolescência prolongada. Porém, antes de conversar sobre adolescência estendida vamos começar primeiramente pelo surgimento da adolescência.

O termo adolescência é antigo, ele pode ser encontrado em tratados pseudocientíficos da Idade Média que discorriam acerca das “idades da vida”. Nestes tratados a adolescência constava como a terceira idade da vida, sendo a primeira a infância, que abarcava do nascimento até os setes anos de idade, e a segunda a *pueritia* que se estendia até os quatorze anos. A adolescência por sua vez começaria após o fim da *pueritia* e terminaria aos 21 anos, segundo Constantino, mas de acordo com Isidoro, ela duraria até os 28, podendo se estender até 30 ou 35 anos. Segundo Isidoro, esta idade era chamada de adolescência pois nela a pessoa já seria grande o suficiente para reproduzir. Segundo este autor, nesta idade o indivíduo finaliza seu crescimento. Nesta época este termo advinha de um sistema de descrição e explicação física, e não possuía a conotação contemporânea. Curiosamente, a quarta idade, se chamava juventude e começaria após o fim da idade da adolescência e se estenderia até os 45 ou 50 anos dependendo do autor. (Ariès, 1981)

Apesar da existência do termo, não existia um lugar para a adolescência, e ela foi confundida com a infância até o século XVIII. Antes disso, apesar do termo adolescente ter sido utilizado para se referir às pessoas que se encontravam na faixa etária descrita anteriormente, era comum o uso de termos relativos à infância para se referir a estes mesmos indivíduos. Como exemplo disto temos que “segundo um calendário das idades do século XVI, aos 24 anos ‘é a criança forte e virtuosa...’, e ‘Assim acontece com as crianças quando elas têm 18 anos’.” (Ariès, 1981, p. 11)

Existia assim, uma longa duração da infância advinda de uma indiferença pelos fenômenos propriamente biológicos, a noção de infância estava ligada à ideia de dependência, sendo assim esta só chegava ao seu fim, quando a dependência chegava ao seu fim, algo que nem sempre acontecia, pois homens de baixa condição social e financeira continuavam

submissos a outros, mesmo após alcançarem o que chamamos hoje de idade adulta. A infância só passou a ser restringida pelo começo da puberdade no século XVII na burguesia, porém a ambiguidade entre infância e adolescência subsistiu por muito tempo. (Ariès, 1981)

Segundo Ariès (1981), só podemos começar a antever a noção moderna de adolescência no século XVIII, com o personagem social do conscrito. Pois, nos cartazes de recrutamento, destinados a homens que hoje designamos como adolescentes, dirigiam-se a eles como jovens ou juventude, algo incomum anteriormente quando se utiliza comumente termos da infância para se referir aos soldados independentemente da idade dos mesmos, devido à condição de submissão destes. De acordo com este autor:

O primeiro adolescente moderno típico foi o Siegfried de Wagner: a música de Siegfried pela primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói do nosso século XX, o século da adolescência. (p.14)

Ainda de acordo com o autor, o fenômeno da adolescência, surgiu na Alemanha de Wagner ainda no século XIX e se propagou para a França por volta do começo do século XX, e se tornou a idade privilegiada do século XX. O termo então utilizado à época era “juventude”, e esta se tornou tema literário e uma preocupação dos políticos e dos moralistas. Nesta época começou-se a querer saber o que a juventude pensava e surgiram pesquisas sobre esta faixa etária. A juventude se apresentou como uma possibilidade de reavivar a sociedade que careceria disso, ela apareceu como uma idade com novos valores, e isto se tornou um fenômeno geral após a primeira guerra mundial em que a juventude na frente de batalha passou a se opor às gerações mais velhas da retaguarda.

Daí em diante, a adolescência se expandiria, empurrando a infância para trás e a maturidade para a frente...Assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época em que adolescência é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e nela permanecer por muito tempo. (Ariès, 1981, p.15)

Apesar deste surgimento ainda no século XIX, de acordo com Calligaris (2000), o mito da adolescência começou a vingar sobretudo após a Segunda Guerra Mundial e ela seria “o prisma pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam... Ela é uma das formações culturais mais poderosas de nossa época.” (p. 9).

Mas a adolescência não é um fenômeno de simples entendimento, esta é definida de diferentes formas, inclusive contraditórias. Na sociedade brasileira atual, por exemplo, circulam ideias negativas sobre a adolescência e juventude, relacionando esta faixa etária a noções de risco generalizado, crise, desordem e irresponsabilidade. Circula uma noção de que esta faixa etária constitui um problema social que carece de resolução (Ministério da Saúde, 2007).

Apesar do conceito de adolescência como conhecemos ser algo recente, concepções negativas sobre indivíduos desta faixa etária não são recentes, estes são temidos a muitos séculos. De acordo com Grossman (1998, citado por Aznar-Farias, Schoen-Ferreira & Silvares, 2010) na Grécia antiga, para impor as qualidades civis e militares valorizadas pela sociedade aos rapazes, estes eram sujeitos a um genuíno adestramento. Conforme Assis e cols. (2003, citado por Aznar-Farias, Schoen-Ferreira & Silvares, 2010) Platão frisava atributos desfavoráveis dos jovens, e advertia os jovens a não fazerem uso de bebidas alcoólicas antes dos 18 anos, pois isto seria como “colocar fogo no fogo”. Aristóteles teria descrito os jovens como “apaixonados, irascíveis e capazes de serem levados por seus impulsos. Ele considerava que os jovens eram exageradamente positivos em suas afirmações e que se imaginavam oniscientes” (Aznar-Farias, Schoen-Ferreira & Silvares, 2010, p.228). Segundo Ariès (1981), na França, os estudantes e os criados, ambos do sexo masculino, que muitas vezes tinham por volta da mesma idade, tiveram o acesso negado às salas de jogos por séculos, pois eles “eram igualmente temidos por sua turbulência e sua falta de controle” (p.65).

Contrariamente aos pensadores da antiguidade que sugeriam o controle e o adestramento desta faixa etária, Erickson (1946, como citado em Câmara & Cruz, 1999) designa que existe, e deve existir, uma moratória durante a adolescência, em que é permitido aos jovens terem novas experiências sem que haja temor relativo a consequências de suas ações ou compromissos a serem assumido. Segundo ele, isto permitiria que os adolescentes adquirissem capacidades e características que lhes ajudariam a descobrir o seu lugar social durante a fase adulta. (Câmara & Cruz, 1999.)

O conceito de moratória também é trabalhado por Calligaris (2000), para ele, a adolescência é uma moratória, mas especificamente um atraso na inserção no mundo dos adultos de alguém, que “teve o tempo de assimilar os valores mais banais e mais bem compartilhados na comunidade” (p.15), como a aquisição de independência e o destaque através do sucesso financeiro/social e amoroso/sexual, e cujo corpo chegou a um estágio de desenvolvimento em que dispõe das condições de buscar esse destaque valorizado pela sociedade, sendo capaz de competir com os demais de igual para igual. Porém, nesse exato momento em que o adolescente se vê com todas as condições de perseguir tais metas, quando

seu corpo e espírito estão prontos, o seu reconhecimento como adulto lhe é negado, e lhe resta entrar em um limbo. E por fim, diante dessa negação da sua capacidade de se tornar adulto, a comunidade ainda lhe diz que ele não deve se sentir frustrado, mas alegrar-se, pois, ainda não terá que arcar com as responsabilidades do mundo adulto. A adolescência seria então um grande período de limbo, um período em que a autorização para realizar os valores sociais pregados pela nossa sociedade de alguém que se vê como capaz para tal, é postergada. (Calligaris, 2000)

A adolescência na atualidade é mais comumente entendida como sendo a etapa da vida que se localiza entre a infância e a vida adulta, em que ocorre um processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial bastante complexo. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a adolescência compreende a faixa etária dos 10 aos 19 anos, esta definição é seguida pelo Ministério da Saúde, porém a lei brasileira, por sua vez, considera que a adolescência inicia aos 12 anos e se estende até os 18 anos. Curiosamente o termo juventude é utilizado atualmente para definirmos uma faixa etária que engloba geralmente indivíduos entre os 15 e 24 anos, ou seja, na atualidade o termo juventude se confunde parcialmente com a adolescência pois engloba adolescentes mais velhos, ressaltando que há variações desta definição dependendo do contexto. (Ministério da Saúde, 2007; Unesco, n.d.)

Atualmente existe um consenso, na cultura do ocidente, de que o início da adolescência é demarcado pelo aparecimento dos primeiros indícios da maturação sexual, provenientes da puberdade, sendo esta considerada como sendo uma parte constituinte da adolescência, ou seja, a adolescência se inicia quando a puberdade se inicia. A puberdade é algo universal, caracterizada pelas mudanças de ordem biológica ocorridas nesta faixa etária, enquanto a adolescência é singular, e influenciada pela sociedade e pela cultura (Ministério da Saúde, 2007).

O termo adolescência seria utilizado para designar os processos psicológicos que adaptam o indivíduo à puberdade. Apesar da adolescência ser comumente descrita como sendo contida em uma determinada faixa etária, esta pode se prolongar pois devemos considerar a questão da sua duração em termos de função, em que tomamos quem funciona como um adolescente como sendo um. (Câmara & Cruz, 1999)

Câmara e Cruz (1999), não são os únicos a falarem da adolescência como uma função. Lemgruber (2011), pensa a adolescência através de uma perspectiva lacaniana, pensando-a como uma função psíquica, que não se limita à puberdade, segundo a mesma “o principal objetivo da adolescência seria estabelecer uma identidade, função a ser executada pelo ego visando o controle, a unificação e a coesão.” (p.44). A autora traz as ideias de Jean-Jacques Rassiál, de que a adolescência pode ser entendida como um período de constituição do

psiquismo, em que se revisita o Édipo para se corroborar ou não, as inscrições feitas na infância, o que posiciona o jovem num lugar de passagem, onde tem que “atravessar a vivência edípica de forma que possa ampliá-la para outras, agora em laços sociais” (p.50), ou seja, segundo esta autora a adolescência é uma função psíquica de passagem.

Devido a estas questões, este período da adolescência pode se prolongar tanto para baixo como para cima, em que podemos ter crianças de 8 anos e adultos de 40 anos que funcionam sistematicamente como adolescentes. Para descrever este fenômeno é utilizada a expressão adolescência prolongada, que surgiu com Bernfeld (1923, como em Câmara & Cruz, 1999) quando este investigava a adolescência prolongada no sexo masculino que se observava após a Primeira Guerra mundial nos movimentos europeus da juventude. Este termo passou a ter uma conotação mais ampla com o passar do tempo e atualmente se refere a uma persistência na posição adolescente ao longo da vida em que ela se torna um modo de vida, quando normalmente esta posição tem uma natureza transitória com tempo delimitado. (Câmara & Cruz, 1999)

Objetivos

O presente estudo tem como objetivo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, trazer uma compreensão acerca do surgimento do fenômeno da adolescência estendida, também conhecida como adolescência prolongada e do lugar que a figura do “adolescente estendido” ocupa na sociedade ocidental contemporânea.

Metodologia

O presente estudo se trata de uma pesquisa exploratória que “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Córdova & Silveira, 2009, p. 37). Considerando esta tipologia da pesquisa, metodologicamente optou-se pela pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica para Gil (1994, como citado em Lima & Miotto, 2007) “possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (p.40), sendo assim ela foi escolhida por poder auxiliar a fundamentar teoricamente o objeto de estudo.

A amostra bibliográfica deste estudo foi constituída por artigos científicos, capítulos de livros técnicos e dissertações de mestrado. A bibliografia foi encontrada a partir da pesquisa de textos consagrados e frequentemente citados, banco de dissertações da CAPES, mediante consulta à base de dados BVS - Psicologia Brasil utilizando o indicador "adolescência estendida", nesta base foram selecionados os artigos em português que se encontravam disponíveis na íntegra, após a leitura dos títulos dos artigos foi feita a leitura dos resumos que se relacionavam ao tema, e após a leitura dos resumos foram selecionados os artigos que poderiam contribuir para o estudo da temática da pesquisa. Além disso, foi utilizado o Google Academics para a obtenção de artigos sobre o tema utilizando também o indicador "adolescência estendida". Por fim, foi realizada a leitura do material, e elaborada uma síntese e uma reflexão acerca do tema com base na bibliografia levantada.

Desenvolvimento

Para o adolescente ingressar no universo dos adultos significa perder permanentemente a sua condição de criança, sendo este o momento decisivo do processo de desprendimento que se inicia no nascimento. Para que este ingresso seja possível o adolescente precisa elaborar três lutos, o luto pelo corpo infantil, o luto pela identidade infantil e o luto pela relação com os pais da infância. (Aberastury & Knobel, 1991)

Através da elaboração desses lutos são produzidas mudanças psicológicas que levam a uma nova forma de se relacionar com os genitores e com o mundo. No começo o adolescente vive as mudanças corporais trazidas pela puberdade e as exigências do mundo externo diante de sua nova condição como invasões, o que leva o adolescente a adotar uma postura defensiva em que retém diversas das suas conquistas infantis, apesar de coexistir a ansiedade e a alegria de adquirir uma nova distinção perante a sociedade. O adolescente não é o único a enfrentar dificuldades neste processo, seus pais também enfrentam dificuldades, e estes devem ser levados em conta ao se estudar a adolescência. (Aberastury & Knobel, 1991)

Durante este processo de crescimento do filho(a), os pais possuem dificuldade em aceitar o crescimento de seus filhos devido a rejeição que sentem diante da livre manifestação da personalidade dos adolescentes e da genitalidade destes. Apresentam também resistência e ambivalência diante deste processo, e de modo semelhante a seus filhos possuem três lutos a elaborar: luto pelo corpo infantil do filho, luto pela identidade infantil do filho(a) e o luto pela relação de dependência infantil. Aceitar a perda do corpo infantil de seu filho(a) implica para os pais encarar os seus processos de envelhecimento e o porvir da morte. Reconhecer a perda

da identidade infantil do filho(a) e a perda da relação de dependência da infância implica em aceitar que não atuarão mais como líderes ou ídolos de seus filhos, que terão que abrir mão das imagens idealizadas de si mesmos que seu filho(a) construiu quando infante e nas quais se acomodaram. (Aberastury & Knobel, 1991)

A evolução das capacidades do filho(a) e suas conquistas, faz com que os pais tenham que se haver com suas próprias capacidades e com que tenham que refletir sobre suas conquistas e fracassos, sendo que como testemunha terrível do que conquistaram e do que fracassaram está o filho(a). Se os genitores se identificarem com o potencial criativo do adolescente, eles poderão entendê-lo e reaver as suas próprias adolescências dentro de si. A forma pela qual se provê a liberdade ao filho(a) é determinante para a maturidade e obtenção da independência do mesmo(a). (Aberastury & Knobel, 1991)

A atitude dos pais pode dificultar o trabalho de luto de seus filhos quando o comportamento destes implica uma falta de compreensão acerca das flutuações entre posturas infantis e adultas (Aberastury & Knobel, 1991). Pois para que este trabalho possa ser concretizado “são necessários permanentes ensaios e provas de perda e recuperação de ambas as idades: a infantil e a adulta” (Aberastury & Knobel, 1991, p. 14)

Mesmo que seja impossível recuperar o corpo infantil que está se perdendo durante a adolescência, e que os pais e seu filho(a) devam aceitar a realidade de que nenhum deles pode reaver esse corpo, eles podem pretender negar esta realidade psicologicamente ou através de atuações, em que a vida familiar e a sociedade tenham a intenção de agir como se nada tivesse se modificado. (Aberastury & Knobel, 1991)

Não só devemos levar em conta as dificuldades, a resistência e a ambivalência dos pais, como também temos que considerar a sociedade que não compreende, e se comporta de maneira inflexível, difícil e hostil perante indivíduos que querem operar sobre o mundo e transformá-lo através da ação de transformações pessoais. Os adultos em geral, possuem dificuldade para aceitar o crescimento dos adolescentes. Mas esta aceitação é necessária, e um novo tipo de relação deve ser tecida com o sujeito que cresceu, uma relação de adulto para adulto. (Aberastury & Knobel, 1991)

Segundo Aberastury e Knobel (1991), o fato de existirem trabalhos de luto a serem elaborados na adolescência justifica a demora no ingressar e no retirar-se dela, além de justificar a questão do retirar-se nem sempre ocorrer plenamente em todo caso. Pois, como estamos tratando de um processo de luto, este necessita de tempo para ser verdadeiramente elaborado e não possuir “as características de uma atuação de caráter maníaco ou psicopático” (p.35)

Culto à Adolescência

De acordo com Calligaris (2000), a adolescência em nossa cultura, moderna ocidental, tem uma duração mal definida, pois não existe uma determinação clara do que é necessário para que um adolescente se torne adulto, segundo ele a admissão do adolescente no mundo dos adultos “depende de um olhar de um consenso que nem sabe articular suas condições” (p. 56) sendo assim, de acordo com este, não existe clareza sobre quando terminaria a adolescência e começaria a idade adulta. Segundo ele, a adolescência é invejada e temida pelos adultos, e há uma espécie culto à adolescência na atualidade. Este autor questiona se ela teria se originado porque os adultos da modernidade necessitam da mesma como um ideal:

Será que a adolescência não foi provocada, impondo a moratória e suscitando a rebeldia, justamente para que se encenasse o sonho de idiosincrasia, de unicidade, de liberdade individual e de desobediência que é próprio de nossa cultura? Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente dos adultos? (p. 59)

De acordo com Calligaris (2000), a adolescência encarna “o maior sonho de nossa cultura, o sonho da liberdade” (p.57), e se torna uma representação deste ideal básico da cultura ao procurar rejeitar a tutela dos mais velhos. É possível segundo este, que na modernidade a adolescência tenha se originado na qualidade de um ideal cultural básico. Ele afirma que devido a isto, o estilo dos adolescentes se torna algo que é “descolado” para todo mundo, inclusive para os adultos, para os quais esse estilo é oferecido e vendido, pela indústria da moda, pois eles são “famintos de modelos estéticos de juventude, liberdade e rebeldia” (p.60)

Anteriormente a infância se tornou um ideal utópico na modernidade pois proporcionava uma cena de paz, felicidade e inocência, algo que os adultos modernos nunca alcançariam pois era indispensável, que estes fossem insatisfeitos. Já que foi esta insatisfação que levou a geração de riquezas e de diferença social de uma forma extremamente acelerada nunca antes vista, os adultos modernos queriam e deveriam querer sempre mais, para que produzissem e consumissem mais, não podendo existir algo que cessasse com a insatisfação. Porém, atualmente a adolescência proporciona um espetáculo de felicidade mais gratificante do que o da infância. (Calligaris, 2000)

Apesar dos adultos tentarem mantê-las à salvo no “mundo da infância”, felizes e sem responsabilidades, com o tempo as crianças passam a se assemelharem com os adultos, no que

diz respeito a seus corpos, suas vontades, e suas formas de buscar prazer. A pressão preparatória, para entrar no mundo adulto também se torna análoga à pressão que os adultos sofrem no “mundo adulto”. Sendo assim, os adolescentes se tornam um gratificante espetáculo para os adultos, pois na adolescência se mantêm sujeitos com demandas e ambições de adultos, protegidos e inconsequentes como se fossem crianças, como se fossem “adultos de férias, sem lei”, este espetáculo narcisista é bem próximo do contento que os sujeitos adultos gostariam de ter para si, de poderem dar vazão às suas voracidades de adultos, sem terem que arcar com as obrigações que advém com a idade adulta. Os adultos podem querer ser estes “adultos de férias, sem lei”, eles podem querer ser adolescentes, com isto esta etapa vira um ideal dos adultos. Ao contrário do espetáculo utópico oferecido por crianças felizes que traz consolo através de perspectivas de futuro, destas crianças um dia realizarem o que os adultos não conseguiram realizar, o espetáculo oferecido pela adolescência, oferece algo praticável que leva às satisfações imediatas, ele oferece uma caricatura de adultos despreocupados. (Calligaris, 2000)

Lemgruber (2011) traz que não só há reconhecimento suficiente em ser um adolescente, mas na atualidade a vida adulta perdeu muito de seu prestígio, quando a infância era um ideal utópico, o lugar de adulto ainda possuía seu prestígio. Nos anos 1920, o encantamento com a adolescência ainda não ocorria a sociedade valorizava os indivíduos na fase produtiva-reprodutiva da vida, sendo a juventude desvalorizada, por ser considerada um momento de indefinição localizado entre a infância e a idade adulta. Segundo a autora:

Envelhecer é colocado, muitas vezes, como um processo de retrocesso e perda, como se não houvesse nada a ser ganho com a passagem do tempo. Muitos adultos, submersos em ideais *teen*, não parecem satisfeitos com o que fizeram de suas vidas e se mostram apavorados ao se darem conta do crescimento de seus filhos. (p. 66)

Esta idealização da adolescência pelos adultos apontada por Calligaris (2000), e o desprestígio da vida adulta apontado por Lemgruber (2011) não passam despercebidos às crianças e aos adolescentes. Com isto, a adolescência se torna um ideal para todos.

Com isso, crescer e ingressar no mundo dos adultos passa a ser desvantajoso, pois significa deixar de ser um ideal, para se juntar aos que sonham com este ideal. Não é mais preciso que os adolescentes se preocupem em serem aceitos como iguais pelos adultos, pois se ser adolescente é equivalente a ser um “adulto de férias, sem lei”, há reconhecimento o suficiente nisso. Não há por que almejar ingressar no mundo dos adultos, já que o que estes querem é serem adolescentes. (Calligaris, 2000).

Custo da tarefa de se tornar adulto

Além da desvantagem em se tornar adulto, temos que o prolongamento da adolescência tem se apresentado como uma ocorrência característica da contemporaneidade pois a tarefa de se tornar adulto tem se revelado como algo custoso para uma parte considerável da população jovem. A transição para a vida adulta dependeria da “aquisição de capacidades que facilitem a diferenciação da consciência, a descoberta de uma individualidade cada vez mais definida e a formação de uma vida própria.” (Araujo & Penna, 2021, p.170). Isto devido a ser necessário para que haja o ingresso na vida adulta uma aptidão para se autogerir nas diversas esferas da existência, ou seja, aptidão para fazer escolhas e lidar com o que advir destas. Estas escolhas, nesta fase da vida, estão centralizadas em deliberações relacionadas a se capacitar de modo a adquirir ocupação próspera que permita independência financeira; a procura de uma relação amorosa íntima e duradoura, e a preservação desta; e a formação de uma estrutura emocional que possa ser suficiente para que o indivíduo dê conta de si. (Araujo & Penna, 2021)

As autoras citadas acima, utilizam o termo *adulescência* para se referir ao prolongamento da adolescência, tendo este como uma fase que se insere após a adolescência e anteriormente à vida adulta. Nesta fase “a conflitiva central é de ordem exclusivamente psicológica com implicações na vida social, profissional e relacional dos jovens adultos”, e estes *adulescentes* costumam exibir dificuldades relativas a gerir suas vidas, e isto pode se apresentar no âmbito profissional e/ou no âmbito socioafetivo. Além disso, com muita frequência, demonstram insegurança em relação a suas capacidades, limitações e à viabilidade concreta de sentirem que se apossaram de uma vida adulta. (Araujo & Penna, 2021)

Em um estudo realizado por Araujo e Penna (2021) com 85 indivíduos, entre 18 e 35 anos, de situação econômica diversa, que possuíam conflitivas que se centralizam na transição para a idade adulta, as autoras observaram que estas pessoas tinham dilemas referentes à:

busca de um futuro produtivo, à luta pela inserção no ambiente social a que pertencem e à tentativa de alcançar autonomia, seja pela via profissional, seja pela constituição de relacionamentos socioafetivos estáveis e duradouros. Desta forma as queixas mais frequentes podem ser agrupadas em dois grandes grupos: vocacional e/ou profissional; emocional e/ou relacional. (Araujo & Penna, 2021, p.171)

Relativo às queixas de ordem vocacional e/ou profissional, observou-se “dúvidas quanto à escolha profissional, mudança de curso universitário ou área de trabalho, e/ou dificuldade de

inserção no mercado de trabalho” (p.171). Além disso, observou-se uma permanência estendida na condição de estudante devido a frequentes trocas de curso de graduação, ao empreendimento de várias viagens de estudo e a procura contínua por cursos de pós-graduação. Em relação ao âmbito emocional e/ou relacional “a maior dificuldade recai em encontrar ou manter um relacionamento amoroso, íntimo, estável e duradouro, seja qual for o formato de relação escolhido, diante da amplitude, diversidade e plasticidade que o contexto cultural contemporâneo oferece para os relacionamentos afetivos” (p.171).

As autoras Araujo e Penna (2021) utilizam de uma perspectiva junguiana para teorizar que este desejo por um relacionamento pode ser considerado como um movimento para se ingressar numa “dinâmica de alteridade regida pelos arquétipos da anima-animus” (p.171), ou também como uma oportunidade de estabelecer um vínculo novo e diferente dos experienciados na família de procedência. Sendo que, de acordo com Gonçalves e Lopes (2018), anima e animus são arquétipos junguianos, figuras do inconsciente coletivo, mais particularmente arquétipos simbólicos que representam um mundo com seus opostos, algo que é inteiramente outro, sendo anima o princípio feminino, e animus o princípio masculino, sendo que ambos se encontram nos sujeitos de ambos os sexos, e representam o estranho no sujeito, o anima, o estranho no sujeito do sexo masculino, e o animus, o estranho no sujeito de sexo feminino. Segundo os autores a individuação, processo em que um indivíduo “tona-se aquilo que se é” (p.21), necessitaria que os indivíduos integrassem estes dois arquétipos dentro de si. Ou seja, este desejo por um relacionamento poderia ser visto como uma tentativa de entrar num movimento interno para integrar estes arquétipos e progredir no processo de individuação.

Segundo Araujo e Penna (2021) um dos motivos para o prolongamento da adolescência é que os jovens, que não se encaixam mais no que se espera da adolescência mais não se sentem prontos para assumir as exigências da vida adulta, ficam sem um lugar ao qual pertencer, e o prolongamento do lócus de filho adolescente pode trazer este lugar de pertencimento. A impossibilidade de sair deste lócus estaria relacionado a um dinâmica desarticulada entre os arquétipos *puer* e *senex*, figuras do inconsciente coletivo, em que o jovem permanece no que já conhece e não investe no novo. *Puer*, é um arquétipo, que traz a potencialidade de se mover para o novo, de vencer os próprios receios e as dificuldades e procurar mudanças, *senex*, seria a potencialidade arquetípica que busca respaldo em experiências anteriores para oferecer solidez e estabilidade para as mudanças necessárias para um desenvolvimento da personalidade bem sustentado, quando articulado de forma harmônica. Porém, quando em desarmonia, a busca de respaldo através do arquétipo *senex*, se transforma em uma permanência no que se já

conhece, com a força do arquétipo *senex* sobressaindo-se sobre a força do arquétipo *puer* (Araujo & Penna, 2021)

Araujo e Penna (2021), trazem uma visão junguiana de como se dá a passagem da adolescência para a idade adulta. Sendo que o arquétipo do Herói, é o arquétipo que traz o potencial de entusiasmo e disposição a luta, e o arquétipo de Eros, traz o potencial de vínculos emocionais de uma forma ampla e abrangente, segundo elas:

A passagem da adolescência para a idade adulta conta com o apoio do ímpeto, da ambição, da esperança e dos sonhos de *puer* a caminho dos novos desafios da vida adulta, e também com a cautela, a segurança, a sustentação e a manutenção de *senex*. A entrada na vida adulta conta ainda com a assertividade e força para suportar as dificuldade e frustrações inerentes ao processo, advindas das energias arquetípicas do Herói, que devem ser somar ao amor, à empatia e ao desejo de Eros. O entusiasmo (Eros) e a tenacidade herói) necessários para transformas sonhos e ideais (*puer*) em planos e metas factíveis e consistentes (*senex*) refletem um bom exemplo da associação entre *puer-senex*, Eros e Herói. A articulação harmoniosa entre esses temas arquetípicos tende a promover a circulação de energia rumo à maturidade como um futuro auspicioso a ser buscado (*puer*); construído com esforço pessoal e com disposição para a luta (herói) e assentado em valores éticos (Eros e *senex*). (pp. 174-175)

A angústia maior desses jovens é a perspectiva futura, e realizar decisões relacionadas a uma vida adulta é assustador para eles pois elas lhes parecem “definitivas”, devido a este grande desafio que lhes parece assustador, “esses jovens permanecem num estado de ‘preparação’ para a vida experimentando, mas não se comprometendo, testando sem realmente tentar, na expectativa de que um modo ideal de ser ou fazer ainda está por vir” (p.175). Com isto eles “permanecem” jovens ou até mesmo como crianças, sendo que eles podem desejar ou tentar ativamente não amadurecer, não envelhecer, enquanto estão neste estado, o que é um reflexo de uma desarmonia entre elementos do *puer* e do *senex*. (Araujo & Penna, 2021)

Um ciclo vicioso de medo paralisante e ousadia irresponsável, frutos de uma impossibilidade de se dispor aos riscos inerentes ao novo e em função de uma baixa tolerância à frustração, constitui o importante fator paralisante do processo de individuação nesta etapa da vida. A entrada definitiva e decisiva na maturidade é vivida como uma enorme angústia, entretanto angustiante também é ficar prisioneiro do

passado sem conseguir se encaminhar para o futuro. Nesse panorama o dilema transforma-se em impasse. (p.175)

E nesse impasse os indivíduos ficam presos, num ser ou não ser adulto que se arrasta. Eles querem o que a vida adulta poderia lhes proporcionar (trabalho, relacionamento etc.), mas não sentem que possuem condições de arcar com o ingresso na fase adulta. (Araujo & Penna, 2021).

Mas porque se tornar adulto teria se tornado algo custoso, como afirmado por Araujo & Penna (2021). Isto pode ser justificado por mudanças ocorridas na sociedade ao longo do tempo.

Impacto das mudanças ocorridas nas sociedades ocidentais

No século XX, as chamadas sociedades disciplinares, em que os indivíduos passavam de uma Instituição a outra, cada qual com suas próprias regras e territórios bem delimitados, encontrou sua crise. E com isto as Instituições, ou meios de confinamento, encontraram sua crise, e entre eles temos a família, a escola, a fábrica. Segundo Deleuze (2010), este tipo de sociedade está sendo substituída pelas sociedades de controle. (Deleuze, 2010; Prata, 2012)

Na sociedade da disciplina, tínhamos instituições fechadas, com territórios e regras delimitados, em que as pessoas eram disciplinadas dentro das instituições e transitavam em sua vida de uma à outra, da família, para a escola, da escola para a fábrica, todas com demarcações muito claras de qual é o papel do indivíduo neste espaço, qual é o território da instituição, e com um trânsito demarcado de uma à outra, o indivíduo saía da escola e ia para a fábrica, haviam demarcações e términos, términos de seu tempo na escola, início e término de seu período na fábrica. Antes a disciplina era exercida em espaços fechados, na sociedade de controle, o controle é exercido ao ar livre, perpassando todas as instituições que entraram em crise juntamente com a sociedade da disciplina, e perderam seus contornos, com seus territórios e regras claras. (Deleuze, 2010; Prata, 2012)

Se na sociedade disciplinar tudo tinha demarcações claras, nas sociedades de controle as antigas instituições que disciplinavam, controlam e são variações inseparáveis uma das outras formando uma rede. Se antes o objetivo era moldar uma pessoa para deixá-la de determinada forma, agora o objetivo é modular permanentemente, conforme o mínimo variar das circunstâncias e dos acontecimentos, a todo instante, sem a existência de um fim aonde chegar, sem ter onde parar, nas sociedades de controle “nunca se termina nada” (Deleuze, 2010, p.226). Neste nunca se terminar nada, a aprendizagem não tem fim, a formação permanente

entra em questão, fazendo com que o espaço delimitado no espaço e no tempo em que se passava uma parte de sua vida nele, aprendendo com começo, meio e fim, se transforme numa tarefa contínua sem fim. (Deleuze, 2010; Prata, 2012)

Nas sociedades de disciplina o indivíduo passava de uma instituição a outra, recomeçando, começando e terminando, na sociedade de controle a modulação percorre os diversos âmbitos da vida do indivíduo, enquanto este indivíduo tem de produzir continuamente. As antigas instituições, dentre elas a família, a escola e a fábrica por exemplo, deixaram de ser espaços distintos, e tornaram-se permeados pelo controle, sendo instâncias deformáveis e transformáveis para servirem a este propósito, elas não são mais controladas por instâncias distintas, com funcionamentos distintos, elas passaram a ser permeadas pelo controle a se dobrarem para tal. No âmbito da escola estamos passando para o campo da formação permanente. (Deleuze, 2010; Prata, 2012)

Na sociedade disciplinar havia uma determinação clara de que funções cabiam a cada instituição e a cada indivíduo, da família para a escola e da escola para fábrica, a família inicia o processo disciplinar, que era posteriormente continuado pela escola, e após a escola o indivíduo já estava pronto para se inserir nas regras da produção e se inseria então na fábrica, entrando para o mundo adulto. (Prata, 2012)

No século XX em que estas instituições entraram em crise, tivemos o século da adolescência, e nele não somente as instituições perderam seus contornos, mas o fim da infância perdeu cada vez mais o seu contorno, na sociedade disciplinar ao se sair da escola para a fábrica se esperava que aí findasse a dependência financeira com relação aos pais e ingressasse na idade adulta, porém estamos passando para o campo da formação permanente, com cada vez mais exigência de formação, exigência de curso de graduação, e com altas taxas de desemprego entre os jovens, e um alto custo de vida no país, o que dificulta que os jovens adquiram esta independência em relação aos pais e ingressem no mundo adulto. (Ariès, 1981)

Byung-Chul Han (2015), argumenta que o conceito de sociedade de controle, de Deleuze (2010), não dá mais conta de explicar a mudança ocorrida até a atualidade, desde a queda das sociedades disciplinares. Segundo ele estamos passando para uma sociedade do cansaço, onde somos levados a desempenhar cada vez mais algo e com isto e para isto acontecer devemos ficar em um estado de inconclusão, pois:

As formas conclusivas que poderiam dar um ‘conteúdo’ estável ao si-mesmo, torná-lo-iam muito inflexível para as relações de produção capitalistas. As formas conclusivas bloqueiam precisamente a aceleração do processo de produção capitalistas. O sujeito de

desempenho explora a si mesmo do modo mais efetivo, quando se mantém aberto para tudo, justo quando se torna flexível (p. 96)

Sendo assim o prolongamento da adolescência pode ser explicado também pela lógica de funcionamento da sociedade do cansaço, pois passar da adolescência para a fase adulta significa concluir um ciclo de vida, e em termos psicanalíticos estabelecer uma identidade.

A sociedade disciplinar industrial antes da crise das instituições no século XX, dependia de uma identidade firme e imutável, enquanto a sociedade atual, também chamada de sociedade de desempenho por Byung-Chun Han (2015), depende de uma pessoa flexível para poder aumentar a produção, para que ela possa responder ao “imperativo da expansão, transformação e do reinventar-se da pessoa” (Byung-Chun Han, 2015, p.97) que impera na atualidade, interfere na passagem dos jovens para a vida adulta.

De acordo com Araujo e Penna (2021), uma das coisas das quais depende a transição para a vida adulta seria a descoberta de uma individualidade cada vez mais definida, e ainda segunda estas autoras, os adolescentes estendidos “permanecem num estado de ‘preparação’ para a vida experimentando, mas não se comprometendo, testando sem realmente tentar, na expectativa de que um modo ideal de ser ou fazer ainda está por vir”, (p.175), sendo assim passar para a vida adulta requereria uma individualidade mais definida e menos flexível do que a da adolescência, e os adolescentes estendidos são extremamente flexíveis no quesito de que experimentam vários modos de viver, e teriam mais facilidade de responder ao “imperativo da expansão, transformação e do reinventar-se da pessoa”, apesar de que testam sem tentar. (Araujo & Penna, 2021; Byung-Chun Han, 2015)

Considerando também as mudanças sociais, Lemgruber (2011) afirma que:

O contexto social de hoje dificulta o processo de transição a vida adulta, pois quanto mais complexa se torna a sociedade, mais trabalho psíquico é exigido ao Eu, principalmente no que se refere à construção de identidade. Em nossa sociedade, as condições necessárias para a ascensão à vida adulta ficaram mais complexas, tornando a transição mais prolongada e também mais penosa. (p.36)

A Revolução da Longevidade

Algo a ser considerado, para além das mudanças sociais ocorridas relativas ao poder das instituições é que o século em que surgiu a adolescência é o século em que houve a

revolução da longevidade, quando em 1900 a esperança de vida no mundo chegou a 32 anos, após ter estado durante milênios abaixo dos 30, e em 2000 chegou a 66,3 anos. Este enorme salto na esperança de vida da população foi graças a melhorias no padrão alimentar, na higiene, no saneamento, e a avanços no campo da medicina. (Alves, 2021)

Sendo assim temos que considerar que durante o século XX e neste século XXI, como estamos vivendo, é mais plausível passar cada vez mais tempo em uma fase anterior à fase da maturação, criamos uma fase de transição a adolescência, a adolescência e a adolescência entendida é de certo modo um privilégio e uma oportunidade trazida pelo aumento da expectativa de vida, pois quando a expectativa de vida de nossos antepassados eram menos de 30 anos, ou em torno disso, 35 anos no Brasil em 1921, para que um sujeito cumprisse o que era esperado dele da sociedade, trabalhar, fora ou dentro de casa, casar e ter filhos, esse sujeito deveria se inserir rapidamente no mundo adulto, quando comparado aos tempos atuais. (Kalache; 2016, 2020)

Kalache (2016) chama atenção para o rápido envelhecimento da população mundial e especialmente da população brasileira, devido a um rápido aumento na expectativa de vida e a uma rápida redução na quantidade de filhos que as mulheres têm, que passaram de uma média de 5,8 filhos em 1975 para 1,8 em um espaço de 30 anos. Ele propõe uma reinvenção da vida, considerando as circunstâncias deste século, em que a velhice possa ser uma fase ativa no mercado de trabalho se a pessoa ainda desejar, que as pessoas possam ser assistida para ter uma velhice que não seja ficar no “aposento” esperando a morte, mais uma velhice mais colorida, em que as pessoas aproveitem suas habilidades cognitivas, que elas vivam, e também que se extinga essa ideia de que se vai descansar e ter tempo vago somente quando se aposentar. Ele propõe que a vida possa ter mais colorido desde o início, que os jovens possam ter cada vez mais uma escolaridade mais longa, algo proporcionado pelo aumento da expectativa de vida, que os pais vivam e trabalhem com idades superiores por mais tempo, o que permite que os filhos estudem por mais tempo, caso a situação socioeconômica da família permita.

Sendo assim, quando se considera que os sujeitos na atualidade em média chegam a idades mais avançadas e com a saúde melhor do que antes do século da invenção da adolescência, século XIX, faz sentido que tenha sido criada uma fase de transição da infância para a fase adulta, e que ela tenha se alargado.

Além disto devido a modificações culturais, os anos de estudo que uma pessoa precisa ter para poder se bem colocar no mercado de trabalho aumentaram, adiando o ingresso no mercado de trabalho e a constituição da própria família, temos ainda o desemprego e a

dependência financeira em relação aos pais, que contribuem para que a juventude permaneça mais tempo morando com seus genitores. (Lemgruber, 2011)

Segundo Lemgruber (2011):

A adolescência é uma função psíquica ativa durante toda a vida. Sua presença ao longo da vida incrementa no psiquismo uma dinâmica de não lugar. Uma função permanente no sujeito que uma vez instaurada, na idade da adolescência, permanece no psiquismo, mostrando a ele que seu lugar no mundo não é definido de uma vez por todas e que será sempre necessário o trabalho de “se encontrar”. (p. 72)

Sendo assim, para esta autora o decaimento do ideal moderno de adulto, da década de vinte, não seria algo ruim, mais uma abertura para novas formas de subjetivação, com a ascensão do ideal da juventude abre-se a possibilidade para o trânsito e criatividade em qualquer idade.

Com as considerações de Kalache (2016), Lemgruber (2011) e as mudanças ocorridas na sociedade que apontamos, a adolescência estendida, soa como algo neutro, ou positivo. Porém o surgimento da adolescência e seu estendimento, não foram as únicas coisas que ocorreram, uma situação de violência entrou em cena.

Violência e amplo exercício da crueldade

Em 2010, em um programa da TV cultura Birman chama atenção para um fenômeno relativamente novo que ele chamou de uma nova juventude, violenta e com amplo exercício da crueldade, onde essas características não se restringiam mais somente as classes mais baixas, em que por falta de possibilidades de inserção produtiva no mercado e na sociedade, existiria uma cultura de sobrevivência onde os jovens mais comumente se dirigiriam à marginalidade e delinquência, do que os de outras camadas sociais. Birman (2010) chama a atenção para a violência e crueldade praticada por jovens das classes média e da elite contra índios, mendigos, homossexuais e mulheres, neste caso específico estamos tratando da difusão de agressões físicas e mortes. Ele traz como marco deste fenômeno um caso de 1997, em Brasília, onde jovens da classe média alta queimaram em praça pública um índio pataxó, sendo que estes jovens estavam em cursos secundários e universitários, eles faziam parte da chamada “juventude dourada” do país. Esta crueldade demonstrada por estes jovens, ocorre, segundo Birman (2010), pois, existe uma intolerância à diferença na sociedade brasileira, além disso ele

chama atenção para o fato de que os objetos de ataque são pessoas que são encaradas como figuras de uma certa decadência social, estes sujeitos que mostram signos que no imaginário desses jovens são signos de perda de prestígio social.

Estes jovens que praticam este tipo de violência, se apresentam desta forma como um simulacro da potência. Simulacro seria uma “imagem superficial a qual produz um ‘efeito de semelhança’” (Lelis, 2017), ou seja, por simulacro da potência quer se dizer que estes jovens só possuem uma imagem superficial em que aparentam ter potência. Eles se apresentam dessa forma, porém na verdade se sentem destituídos de qualquer potência devido as condições da contemporaneidade, se encontram em desamparo e desalento na condição contemporânea devido à ausência de reconhecimento simbólico, devido à falta de marcas da linguagem que proporcionem que sejamos reconhecidos e incluídos na nossa sociedade. Na contemporaneidade somos reconhecidos e incluídos na sociedade fundamentalmente pelo reconhecimento da nossa capacidade de trabalho, nossa competência e de nossos talentos. E isto está em jogo na atualidade pois entre os jovens temos uma alta taxa de desemprego, maior que a taxa da população geral, em 2022, segundo a Organização Internacional do Trabalho, um em cada quatro jovens brasileiros não trabalhava nem estudava. Temos assim jovens sem reconhecimento social, agredindo o que temem se tornar. Ou seja, está violência é despertada pela perda de reconhecimento simbólico, em que os jovens veem seu corpo começar a se misturar com o corpo do outro, em uma espécie perda de fronteiras da própria imagem corporal. Sendo assim, a violência seria a forma pela qual estes jovens tentariam assegurar alguma chance de preservar seu território. (Birman, 2010; Chade, 2022)

Podemos entender melhor esta grande violência contra o outro, quando consideramos a importância do outro e das relações que estabelecemos com ele. Devemos lembrar que o outro está presente desde o início da vida, e entra na construção do sujeito de uma forma imaginária e de uma forma simbólica. O outro entra na construção do sujeito de uma forma imaginária pois faz parte da construção da imagem que o sujeito tem de si, pois construímos nossa imagem através de uma identificação com a imagem que outros possuem de nós, nos tornamos uma unidade através do olhar do outro sobre nós. E o outro entra na construção do sujeito de uma forma simbólica, pois desde que nascemos nos vinculamos a instituições que nos moldam, pertencemos a uma família, a uma nação, e desde que nascemos somos marcados para sermos dignos herdeiros e representantes destes. Quer nós queiramos ou não nós recebemos uma herança advinda dos que nos precederam, e temos uma dívida para com eles e para com os próximos que virão, e o reconhecimento disto nos faz representantes da espécie humana (Enriquez, 2004)

Freud destaca que existe uma agressividade contida no coração de todos, que percebemos em nosso confronto com nós mesmos, percebemos assim a estranheza dentro de nós, o que nos inquieta e faz aflorar dentre vários medos arcaicos, o medo do familiar, do que esteve escondido na sombra em segredo durante muito tempo mais que de lá saiu. Pois, se descobrimos em nós mesmo um duplo maléfico, só podemos desconfiar de um outro semelhante a nós, pois se esta agressividade existe em nós, também existe em um outro que é como nós, e essa agressividade pode se voltar contra nós que nos interessamos por este outro, com isto se alimenta a exclusão do outro e uma desconfiança das intenções destes conscientemente ou não. (Enriquez, 2004)

Na modernidade só somos aceitos, elogiados, só somos alguém, se adotarmos os modos de um “vencedor” sem medo de machucar ou matar o outro, ou se é um “vencedor” ou se entra para o grupo dos “deserdados sociais”, os vencidos só podem esperar desprezo, falta de consideração, ou até mesmo a morte. Na ideologia da competição o outro se não traz mais benefício se torna um objeto descartável. (Enriquez, 2004)

Os deserdados sociais, mendigos, índios, mulheres e homossexuais, são alvos ideais para impulso agressivos. E principalmente as mulheres e os homossexuais têm lutados pelos seus direitos nas últimas décadas e avançado nesse quesito, então com isto além de serem alvos ideais para impulsos agressivos, estes também representam uma ameaça a esta “juventude dourada”, composta de jovens homens brancos heterossexuais, pois podem ocupar o lugar destes, de prestígio social, que antes era reservado somente a estes. Com isto essa juventude dourada se sente invadida, e ataca não só o que têm medo de se tornar como diz Birman (2010), mais também os que estão “tomando” os lugares de prestígio social anteriormente reservado somente a estes. Então a violência por parte destes jovens é desencadeada pela falta de reconhecimento simbólico na sociedade contemporânea e por um medo de que o outro tome a sua possibilidade de obtê-lo. Sendo que segundo Enriquez (2004) a violência contra o outro é exacerbada pelo fato de que na modernidade cada homem se torna mais parecido um com o outro, então com isto a angústia diante do duplo que o assalta aumenta e com isto para proteger-se à um refúgio no narcisismo das pequenas diferenças, e o outro se torna um inimigo do qual se deve defender.

Conclusão

A formação cultural da adolescência surgiu no final do século XIX, e ganhou força no século XX. Ela é associada negativamente a risco generalizado, crise, desordem,

irresponsabilidade e problema social que carece de resolução. É entendida de diversas formas como: moratória; período de limbo; período de transição da infância para a idade adulta; processos psicológicos que adaptam o indivíduo à puberdade; função psíquica a ser executada pelo ego visando unificação, controle e coesão; período de constituição do psiquismo em que se atravessa a experiência edípica de forma que se possa ampliá-la para outras; função psíquica de passagem.

A extensão da adolescência seria quando ocorre uma persistência na posição de adolescente ao longo da vida em que ela se torna um modo de vida, ao invés de uma posição de natureza transitória e tempo delimitado. Existem vários fatores que explicam a extensão da adolescência: existem lutos a serem elaborados pelos filhos e pelos pais nesse processo, o que justifica a demora no se retirar da fase adolescente e desse retirar-se nem sempre ocorrer plenamente; não há demarcação clara do que é preciso para que um adolescente se torne adulto; e o grande culto à adolescência e a perda de prestígio da vida adulta, o que faz com que se tornar adulto seja percebido como uma perda.

A tarefa de se tornar adulto tem se revelado algo custoso, e isto tem ocorrido particularmente a partir da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle e do cansaço, em que não se demanda mais funções claras dos sujeitos, mais sim uma exigência de sujeitos mais flexíveis, o que interfere na passagem da adolescência para a vida adulta pois esta, em tese, exige uma individualidade mais definida em comparação à existente na adolescência quanto mais complexa a sociedade mais trabalho psíquico é exigido ao Eu no que se trata da construção de identidade, o que entra também na questão de ter se tornado mais custoso fazer a passagem da vida adolescente para a vida adulta.

Além disso, a revolução da longevidade, fez com que não necessitássemos mais de nos inserirmos no mundo adulto tão rapidamente quanto quando a expectativa de vida era de 30 anos; e estamos tendo cada vez mais, maiores exigências de qualificação para que uma pessoa possa se inserir no mercado de trabalho.

Estes diversos autores utilizados abordam a temática de diversas maneiras e nos mostram o quanto este fenômeno é complexo, e possível de ser abordado através de diversas perspectivas. Salientando também que aqui não foram considerados fatores como, etnia, gênero, classe social etc. A consideração dos fatores anteriormente mencionados teria mais à acrescentar a complexidade do fenômeno.

Considerando, as mudanças sociais, a extensão da adolescência é algo esperado. Porém, nos abstermos de fazer um julgamento acerca de se a adolescência estendida seria um fenômeno neutro, positivo ou negativo, pois consideramos que para emitir julgamento sobre isto seria

necessário conversar com os sujeitos em questão, e investigar se este estendimento da adolescência poderia levar ao sofrimento psíquico, uma possibilidade levantada por nós, ao assistir as considerações de Birman sobre juventude em violência em que ele traz sobre a ausência de reconhecimento simbólico desses jovens. Concluimos somente que a adolescência estendida é um fenômeno complexo influenciado por diversas mudanças sociais, e que não mostra sinais de ser um fenômeno passageiro. Fica como sugestão de investigação: será que o prolongamento da adolescência está afetando de forma negativa a saúde mental destes jovens?

Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1991). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico* (9ª ed., S. M. G. Ballve Trad.). Artes Médicas.
- Alves, J. E. D. A (2021, 26 de fevereiro). Esperança de vida diante da emergência sanitária e climática. *EcoDebate*. <https://www.ecodebate.com.br/2021/02/26/esperanca-de-vida-diante-da-emergencia-sanitaria-e-climatica/>
- Ariès, P. (1981). *História Social da Criança e da Família* (2ª ed. D. Flaksman Trad.). LTC.
- Araujo, F. R. R. S., & Penna, E. M. D. (2021). Adultescência: a caminho da maturidade no mundo contemporâneo. *Junguiana*, 39(1), 167-178. Recuperado em 20 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252021000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Aznar-Farias, M., Schoen-Ferreira, T. & Silvares, E. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>
- Byung-Chul, H. (2015). *Sociedade do Cansaço* (E. P. Giachini Trad.). Editora Vozes.
- Café Filosófico CPFL (2010). *Juventude, medo e violência* | Joel Birman e Vera Malaguti [Vídeo]. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IL1OZCdDOaI>
- Café Filosófico CPFL (2016). *A Revolução da Longevidade* | Alexandre Kalache [Vídeo]. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_5N8V1PIGg
- Calligaris, C. (2000). *A Adolescência*. Publifolha.
- Câmara, M. & Cruz, A. (1999). Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. *Educar em revista*, 15(n.d.), n.d. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.190>
- Chade. J. (2022, 11 de agosto). Um em cada quatro jovens brasileiros não trabalha nem estuda. *Universo Online*. <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2022/08/11/um-a-cada-quarto-jovens-brasileiros-nao-trabalha-e-nem-estuda-diz-oit.html>
- Córdova, F. P., & Silveira, D. T. (2009). Unidade 2 – A Pesquisa Científica. In T. E. Gerhardt & D. T. Silveira (Org.), *Métodos de Pesquisa* (pp. 33 - 44). UFRGS EDITORA.
- Deleuze, G. (2010). *Conversações* (2ª ed., pp. 223-230). Editora 34.
- Enriquez, E. (2004). O outro, semelhante ou inimigo? *Artepensamento*. <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-outro-semelhante-ou-inimigo/>
- Gonçalves, G. A., & Lopes, A. G. de O. (2018). O matrimônio sagrado yin-yang: anima e animus no processo de individuação. *Self - Revista Do Instituto Junguiano De São Paulo*, 3 (3), 1 - 24. <https://doi.org/10.21901/2448-3060/self-2018.vol03.0003>

- Kalache, A. (2020, 26 de setembro). Revolução da longevidade é a maior conquista nos últimos cem anos. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/09/revolucao-da-longevidade-e-a-maior-conquista-nos-ultimos-cem-anos.shtml#:~:text=%C3%89%20a%20revolu%C3%A7%C3%A3o%20da%20longevidade,anos%20de%20expectativa%20ao%20nascer>
- Lelis, L. (2017). As potências do simulacro: Deleuze com Nietzsche. *Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência*, 10(2), 19-46. <https://doi.org/10.59488/tragica.v10i2.27153>
- Lemgruber, K. P. (2011). *Adolescência: subversão e trânsito na vida adulta*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia]. Repositório Institucional – Universidade Federal de Uberlândia. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17160>
- Lima, T. C. S. & Mioto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, 10(Esp.), 37-45. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>
- Ministério da Saúde (2007). *Marco Legal: Saúde, um direito de adolescentes*. Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf
- Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (n.d). *Juventude no Brasil*. Recuperado em 26 de setembro de 2022, de <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/youth-brasil>
- Prata, M. R. dos S. (2012). Os processos subjetivos e os jogos de verdade da psicanálise frente à transformação do lugar do pai. *Ágora*, 15(2), 217-232. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982012000200001>